

Eu, Preso – EP1: Maezinhas – Transcrição de diálogos

[Talita]

Meu nome é Talita Bonfim dos Santos, eu tenho 29 anos. Fui presa, estava grávida de três meses e a parte mais difícil da minha vida foi entregar meu filho, bebezinho, mamando no peito ainda, para os cuidados da minha família, né?! Graças a Deus, foi com a minha família, mesmo assim é muito difícil se separar de um filho e você continuar presa.

[Talita]

Eu estou presa há um ano e sete meses. Eu vim presa no artigo 33, que é o tráfico. Eu estava na região conhecida como a Cracolândia, e lá eu estava usando droga, eu era usuária de drogas. Acabei me envolvendo com um rapaz, engravidando e logo vim presa.

[Millena]

Meu nome é Milena, eu tenho 22 anos, eu vim presa grávida de quatro meses, tive minha filha aqui nessa unidade. Depois que eu ganhei ela, voltei pra cá, fiquei 6 meses com ela e depois eu entreguei ela.

[Millena]

Tô presa no tráfico, peguei oito anos de cadeia. A maioria das meninas que tá presa aqui é tráfico. Então, tem mãezinhas que vão traficar pra comprar as coisas pro filho, pra não deixar faltar fralda, leite... as outras porque os maridos vêm presos, né?! E sempre trazem as mulheres junto, tipo, aí, tá preso, aí, vai visitar o marido, cai na portaria com droga, por causa do marido.

[Bruna]

Bom, o perfil das mulheres presas no Brasil é o perfil do sistema prisional brasileiro. Mulheres que têm baixa escolaridade e baixa renda. São mulheres jovens em idade reprodutiva, em idade de entrada no mercado do trabalho, então, é um momento no qual a vida está ali toda para acontecer.

[Jéssica]

Meu nome é Jéssica Monteiro, tenho 24 anos. Me levaram e falaram que eu ia ficar presa. Eu falei pro policial ainda que não tinha condições, que eu estava grávida e ele falou que o filho não era dele e que eu ia pra cadeia, mesmo grávida, e passaria por aquelas condições que eu passei, né?

[Jéssica]

Tranquei minha porta, fui dormir com o meu marido e o meu filho. No dia seguinte, eram seis ou sete horas da manhã quando os policiais entraram e reviraram tudo, mexeram em tudo na minha casa, né?! Aí foi na hora em que eles falaram que acharam a porção de maconha. e Eu eu falei: "acho bem difícil que seja achado, né?! Por causa de que a minha situação tinha...estava faltando arroz dentro de casa, leite pros meus filhos. Eu acho, assim, que se eu tivesse num negócio desse, pelo menos eu não ia deixar faltar nada pro meu filho, né? Eles falaram: "Ah, você, tá traficando! E não sei o que

lá..." Aí eu peguei e falei: "Não tem como eu tá traficando! O senhor acabou de me tirar da minha casa, eu tô grávida, eu tô perto de ganhar o meu filho..." Aí ele falou: "Não, eu não quero saber, seu filho vai junto com você pra cadeia."

[Lucélia]

Eu me chamo Lucélia, tenho 35 anos. Tenho 3 filhos, a Alícia, de 20, o João Vítor, de 16, e a Lavínia, de dois. Você perde tudo, o tempo em que você está lá, você perde tudo. Você perde o desenvolvimento, você perde o carinho, você perde... é... você perde os sonhos.

[Lucélia]

Fui fazer essa viagem pro Ceará e aconteceu uma blitz, né?! É da Polícia Federal. O policial federal achou uma caixa, uma caixa bem grande com uns limpadores de parabrisa de caminhão. Tinha só eu e mais uma moça que tinha destino para Fortaleza. Ela falou assim: "Não, essa bagagem é minha." Só que aí eles começaram a vasculhar e acharam droga no limpador de parabrisa. Só que aí, a partir do momento em que foi achada a droga, ela falou que a caixa não era dela. E aí ele levou ela e eu pra Federal e acabamos as duas presas. Foi... acho que a pior experiência da minha vida. Saber que eles estavam crescendo por outra pessoa, que não estavam sendo cuidados como eu gostaria que fosse e não acompanhar o desenvolvimento deles, né?! Foi difícil!

[Jéssica]

Estava perto de nascer, e eles queriam fazer o meu parto dentro do corró, mas só que não teria como fazer porque o local era infecto, era muito fedido também. Foi quando ele começou a querer nascer, e eu chamei o carcereiro. O carcereiro foi e me ajudou e me levou pro hospital. Aí, foi "na onde" que eu tive ele. Eu fui escoltada, né, durante três dias, por um monte de policiais. Aí depois eu voltei pro DP com ele.

[Bruna]

A Jéssica foi presa com pouquíssima quantidade de droga. Foi atribuído a ela que ela era traficante, como sempre acontece. Então a gente tem uma leitura muito subjetiva da Lei de Drogas e muito subjetiva do que é traficante, do que é usuário. Esse é um dos grandes problemas do sistema prisional hoje. Dependendo da figura da pessoa, considera-se que é usuária, dependendo da figura da pessoa, considera-se que é traficante. O caso da Jéssica é um caso desses, de que entra no perfil considerado de quem é que trafica no Brasil. E ela então estava grávida, prestes a "dar à luz", e deu "à luz" numa situação bastante precária. Tudo que a lei diz que não pode acontecer aconteceu com ela.

[Talita]

Foi muito difícil quando eu retornei, porque meu parto foi cesárea. Então, acho que em todos os partos a gente fica bem sensível, a mulher, né? Aquele lance de mãe. e normalmente quando a gente tá na rua, a gente não tá no presídio, a gente tem o acompanhamento ou do marido ou da família, né?! Eu senti muita falta disso. Aqui foi um tanto bem mais complicado, né?! E a gente sente aquela falta de

alguém pra te ajudar... é você e seu neném! Mas, na época em que eu estava aqui, a gente era muito uma pela outra, sabe?! E aí, quando eu precisava, por exemplo, lavar roupa lá no tanque, eu pedia para a Andressa, que era minha amiga e que também estava aqui: "Andressa, passa um óleozinho no Caíno pra eu ir lá no tanque". Ela ficava, eu descia pra lavar uma roupa, entendeu?! Às vezes, pra fumar um cigarro também... "Ai, Andressa, fica aqui um pouquinho com ele pra mim que eu vou descer pra fumar um cigarro". Ela ficava e vice-versa! Graças a Deus, ele nunca ficou doente aqui, mas tem crianças que ficam, pegam uma bronquiolite, aí a família tem que ficar vindo aqui na porta pra levar a criança, porque eles dão essa autorização para as famílias, né?! Se a criança precisar ir pra um hospital da rua, um pediatra, a família pode vir aqui, pegar e levar, mas as famílias que têm disponibilidade de horário, né?! Que vão poder faltar ao serviço. Então isso dificulta pra família, dificulta pra você, por que como você vai ficar aqui com uma criança doente?! É muito complicado isso...

[Millena]

Ela mamava, ela brincava, ela tirava o cochilinho dela... aí, quando ela foi fazendo uns quatro, cinco meses, ela começou a tomar sopinha, aí começou a comer, pra desapegar, porque eu ia pra rua, eu queria ficar com ela. Então, quando ela fez seis meses que eu vi que estava na época de entregar ela. Eu sofri muito. Ver ela saindo daquele portão sabendo que ela não ia voltar mais, então, doeu muito, muito mesmo. Eu chorei muito. Porque era pra eu estar indo junto com ela, eu estar levando ela pra rua, não a minha sogra. Então, pra mim, eu fiquei muito triste. Então eu chorei muito. É um dia que eu nunca vou esquecer.

[Bruna]

Acabado o período de seis meses, que é considerado pela lei o período mínimo, mas, na maioria dos estabelecimentos prisionais, o período máximo de permanência das mães com os filhos, o que acontece? Essa criança é retirada dela, mas essa mãe ainda tem leite no peito, ela ainda fica na casa com as outras crianças até a autorização judicial para retorno pro raio onde ela estava normalmente. Então, o que a gente percebeu é que, assim, a maternidade continua no corpo sem o filho.

[Julita]

67% das mulheres presas no Brasil, hoje, estão presas por tráfico de drogas. Então, são sempre mulheres que têm atividades periféricas, dentro do varejo do tráfico.

[Pedro]

A guerra às drogas é uma ideologia, né?! E ideologia tem essa visão de que ela permeia todos os espaços do nosso pensamento, e, em geral, ela tem esse condão de alienar as pessoas. Não diminui o consumo de drogas, não melhora a saúde das pessoas, aumenta a violência, é..., aumenta, a.. a.. o número de mortos pelo Estado, encarcera pessoas que não estavam fazendo mal a ninguém, né, que não estavam prejudicando ninguém.

[Julita]

E a maior parte dessas mulheres são mães, a maior parte dessas mulheres são mães que são responsáveis pelo sustento dos seus filhos.

[Pedro]

Quando a gente olha esse todo e compara o todo com o pequeno, é que você percebe a perversidade dessa ideologia da guerra às drogas, né? que ela é o que faz o juiz assinar essa sentença e dormir tranquilamente.

[Talita]

A gente vê aquele nenenzinho, a gente chora de emoção, de alegria. Um nenenzinho todo perfeitozinho, né, todo ingênuo, inocente. Isso traz uma satisfação pra nossa vida sim. mas essa realidade de presa dói, então são... um contraste bem difícil de sentimento, né?! Graças a Deus, ainda tenho a minha família, a minha mãe que ficou com ele, né?! Graças a Deus, ele não foi pra um abrigo, porque tem outras realidades que a gente vê, que eu presenciei estando aqui no materno, de mães entregando para abrigo, e depois aquela dificuldade pra ver a criança, né?! Eu não passo por isso, vejo ele uma vez por mês. Tô acompanhando de longe o crescimento dele, né?! Mas toda vez que ele vai embora, é aquele chororô danado.

[Millena]

Ela não me conhece como mãe, ela acha que sou estranha pra ela, então, pra mim, é bem difícil quando ela vem ela não vem no meu colo, não me abraça, não me beija. Ela ficou seis meses comigo, então eu entreguei ela com seis meses. É estranho pra ela me ver assim. Ela não acha que sou mãe dela, tanto que ela não me chama de mãe, ela chama a avó dela de mãe.

[Jéssica]

Por eu eu ser discriminada por morar num lugar desse, aí entram policiais maus, que não sabem fazer o trabalho deles, entendeu?! E se eles estão procurando bandido, traficantes de verdade, eles têm que investigar certo, né?! Não entrar na casa de uma família sem mandado e prender uma mãe grávida. Às vezes, a pessoa tem condições, tem dinheiro, aí é mais fácil, né? Mora numa casa boa, aí não tem suspeito de nada, mas se a gente é pobre, Eu não tenho praticamente nada dentro de casa, vou ter droga dentro da minha casa? Eu não sei, eu não sei por que eles falaram que eu tenho risco pra sociedade.

[Jéssica]

Tá tossindo demais pro seu tamanho!

[Bruna]

Uma mulher com pequena quantidade de droga é uma grande traficante, que é um perigo pra sociedade, que tem que sair de circulação do mercado de trabalho. Tem que sair de circulação é... da própria vida, porque tem que tá sobre a tutela do Estado. Pela própria Constituição, a prisão é a exceção, deve ser a exceção. No fim das contas, a lei é violada o tempo todo, a gente tem um judiciário violador das leis, é... Então, assim, a prisão acaba sendo a regra,

como a gente vê, e as exceções que são as medidas cautelares alternativas à prisão, ou, no caso de condenação, as penas alternativas são muito mais raras.

[Bruna]

Fala-se que o Brasil é o país da impunidade. A pergunta fica: impunidade para quem? Pra esse grupo de pessoas, não há impunidade, muito pelo contrário, há uma mão muito pesada do Estado tirando essas pessoas de circulação.

[Criança]

Aí, tô com frio!

[Jéssica]

Tá com frio, tá?

[Lucélia]

Eu nunca fiquei mais do que uma semana sem ligar para minha mãe. Telefone celular, todo presídio tem telefone celular. Ela sabia, eu falava pra ela: "olha, mãe, se por um acaso eu ficar um tempo sem te ligar, é porque teve revista e eu perdi o celular, e as outras pessoas perderam o celular."

[Lucélia]

O mais difícil lá dentro, é a saudade. Tem muitas outras coisas ruins lá, mas a saudade de quem você ama é pior, é pior do que as brigas, é pior do que os usuários de droga lá dentro, e tem os usuários de droga lá dentro.

[Lucélia]

Oi, Diva!

[Lucélia]

A gente já chegou a ficar em 25 mulheres lá dentro. Elas colocavam uma rede em cima da outra. Muitas vezes, o fundo da rede ficava batendo no corpo da outra. Os ratos! Meu Deus do céu, quanto rato! Quantas noites eu não acordei com os ratos passando por cima de mim.

[Talita]

O primeiro passinho dele, eu não vi, já tinha dado vários outros. Quando eu vi, ele já tava com quatro dentinhos, então não vi, né, o primeiro nascer, é... tudo... Ele vai falar a primeira palavra e não sou eu quem vai estar do lado dele, né? é muito difícil encarar isso. Toda vez que ele vem, que ele vai embora, eu vejo e penso: "Nossa, ele veio dessa forma e, quando ele voltar, já vai tá diferente, vai tá falando, vai tá andando... E eu não tô ali pra ajudar, pra acompanhar, pra ver. Ele tá indo pra creche e não sou eu que estou levando. Isso é muito difícil, muito doloroso pra mim. Eu não posso pedir também pra minha mãe, que tá com meu filho, deixar de cuidar dele, das atenções, dos cuidados que ela tem com ele. Ele tá indo pra creche, então ela paga a van pra levar ele e buscar. Neném é todo... vários cuidados, né? Fralda, lencinho, shampoozinho, é tudo uma despesa. Então, eu não posso tirar da boca do meu filho pra pagar advogado pra mim. A minha mãe poderia ir trabalhar, ela não tá

podendo trabalhar porque ela tá com meu filho. Então eu fico assim, esperando mais por um milagre de Deus, né?!

[Bruna]

A ideia do HC foi a seguinte: bom, já que os juízes não cumprem a lei, vamos fazer com que eles cumpram no que diz respeito à possibilidade de prisão domiciliar para mulheres mães, gestantes, é... puérperas, é, com crianças de até 12 anos, usando como referência o Marco Legal da Primeira Infância, que é uma lei nova que saiu em 2016. No caso específico das mulheres em situação de prisão, é provisória. Ele representa a possibilidade real de que essas mulheres não vão pro sistema, a ideia justamente de, bom, parar de trabalhar as coisas na chave de um paradoxo e trabalhar as coisas como... bom, existem, quais são as saídas legais, quais são as saídas possíveis para se dar conta desse problema da maternidade na prisão, que não seja a mãe perder o filho, né?! Ou a criança ficar presa.

[Lucélia]

Eu tinha duas opções: ou eu ia pra um albergue com as crianças, ou eu vinha pra ocupação. Pra mim, aqui foi melhor. Mas, a gente veio, não ficamos na rua. Até eu ir me reerguendo, né? pagando as contas que tinham ficado. A gente vai lutando contra a vida, contra os laços, os destinos, pra que essas coisas não aconteçam com os seus filhos. Mas eu espero melhor, eu espero que eles façam de tudo para que cresçam, para que tenham orgulho deles mesmos.

[Jéssica]

Ah! Achei você, sua sapeca!

[Jéssica]

Eles são minha vida, né?! E assim, do mesmo jeito que eu fui abandonada quando era pequena, eu não quero que aconteça da mesma forma, entendeu?! Eu não sei nem como é que funciona negócio de prisão, de cadeia, de processo. Até hoje eu tô esperando a resposta do que vai acontecer na minha vida. Não sei, se for pra voltar, infelizmente é assim. É o destino, né?! Ah, tudo que eu passei foi bem difícil, sabe?! Quero só procurar esquecer, né, amor?

[Pedro]

O esforço do Poder Judiciário para tentar olhar os esquemas de corrupção, as relações do estado com as organizações criminosas, né?! E pensar que isso pode ter um elemento, sim, importante no desgoverno do sistema penitenciário, na violência, etc... Vai olhar pro pequeno e pro concreto, né? De maneira a dar impressão de que a máquina tá funcionando, mas a máquina não tá, a máquina tá funcionando para a situação continuar do jeito que tá, e não para melhorar a situação.

[Julita]

Quer dizer, a gente encarcera homens e mulheres porque infringiram a legislação penal do país. E aí a gente põe ela na cadeia, aí agora você tem que ficar aí, porque você tem que aprender a ser bonzinho e se conformar. E aí esses homens e mulheres vão viver num ambiente

em que a lei é desrespeitada 24 horas por dia. Essas pessoas vão conviver num ambiente em que há corrupção, há violência...

[Pedro]

Quer dizer, não é possível que alguém olhe para aquela situação e ache que é mais vantajoso pra sociedade que aquela mãe esteja ali. E o nosso direito é flexível o suficiente pra dar pro juiz margem de falar: "Não, olha, nesse caso, eu vou, a mãe vai ter uma liberdade, de , é... um regime aberto, vamos pensar numa outra solução pra esse caso que não é..." Tanto que o Supremo foi lá e fez isso, e pareceu uma coisa surpreendente, mas essa era uma ferramenta que a nossa Constituição já dava pra todos os juízes, né?! A gente precisa refletir mais sobre isso, como uma escolha mais profunda do que como uma consequência quase que natural: "Choveu mãe dentro da cadeia!" Não, não choveu. Essas mães foram colocadas dentro da cadeia por uma aplicação da lei que não está de acordo com a Constituição.